

Dentro em breve não será mais necessário ser milionário para possuir um Rembrandt ou um Picasso. Isso acontecerá no dia em que se der a revolução dos múltiplos ilimitados, e esse dia está perto. Revolução dos múltiplos? Um nome complicado, mas de significação simples. Atualmente, os processos industriais para a cópia de esculturas ou pinturas estão de tal maneira aperfeiçoados que qualquer obra de arte pode ser fielmente reproduzida em quantidade industrial, ou seja em quantidade praticamente ilimitada. Isso significa dizer que uma tela ou uma escultura cujo original é vendido nas galerias de arte por preços astronômicos passará a ser oferecida nos grandes magazines por poucos cruzeiros novos. Dessa maneira, a arte se converterá num produto de massa; irá decorar qualquer residência e, quando seu dono estiver saturado de vê-la, joga-a fora e compra outra. Teremos assim terminada a era da obra única, do original feito para poucos e só acessível à vista nos museus que muitos já chamam de cemitérios da arte. Na realidade, a idéia há muito que está no ar. Já em 1919 Piet Mondrian preconizava "uma pintura que fosse feita em colaboração com técnicos especializados em máquinas". O próprio neoplasticismo de Mondrian, baseado em linhas retas traçadas a régua e esquadro, distribuídas em direções vertical e horizontal e utilizando somente cores primárias (vermelho, azul e amarelo) espalhadas em largas superfícies permite reproduzir facilmente qualquer quadro. O que

conta numa obra de arte não é sua técnica artesanal, a "maneira de fazer do artista", sua habilidade em reproduzir uma árvore ou uma casa, e sim a proposição afetiva que a envolve. Se outra mão que não a do pintor pode reproduzir um quadro, porque uma máquina não pode fazer o mesmo? Daí nasce a definição do múltiplo: um objeto que se encontra a meio caminho entre a criação artística e a produção industrial, e quem diz produção industrial diz preço barato. E esse objeto tanto pode ser um quadro ou uma escultura de técnicas tradicionais como, por exemplo, uma obra de arte cinética que inclui luz e movimento.

Aliás, na arte cinética os objetos em funcionamento jamais se parecerão um com o outro, uma vez que o jogo de luzes e o movimento das diferentes partes jamais se reproduzirão idênticamente. Cada múltiplo cinético, de certa forma, será um original.

Em Paris, desde 1959 que a questão do múltiplo se pôs, mas somente no início deste ano é que as discussões se acirraram com as exposições realizadas por Vasarely, Le Parc, Soto, Joel Stein, Demarco e o grego Takis nas galerias Denise René e Givaudan. Os **marchands** de arte e os ricos colecionadores de obras originais assustaram-se e até indignaram-se. Obras de Takis foram vendidas por 150 francos novos; um objeto cinético de Le Parc foi adquirido por 100 e um dos dez exemplares de uma escultura de Vasarely podia ser levada para casa por 3.400 francos novos. Qualquer dessas obras,

anteriormente, valia de dez mil francos novos para fora. Era um escândalo que ameaçava o rico comércio da arte. As críticas vieram. Eis algumas das mais significativas.

O objeto único é a essência da própria arte. O Amador, ante um quadro de Cézanne, suspende a respiração pensando que o mestre, com sua própria mão, acariciou a tela e que seus olhos viram as mais pequenas nuances que o pincel traçou. O museu não é o cemitério da arte, mas seu templo, onde a oração estética é dita com mais eficiência. Outros temem a demasiada vulgarização da obra de arte. As mesmas obras seriam vistas em todas as residências e vendidas vulgarmente no meio confuso dos objetos utilitários: geladeiras, aparelhos de rádio, máquinas de lavar roupa etc.

Se o múltiplo é barato para o grande público, devido sua produção em série, por ser um produto industrial, seu custo de produção é elevado. Que oportunidade teria um jovem artista de fazer com que uma indústria investisse numa obra não testada como sucesso comercial?

Nesto ponto encontra-se o debate. O múltiplo irá democratizar a arte ou irá vulgarizá-la em demasia e no mau sentido? Um gosto demasiadamente popular, uma arte para agradar a todos não se irá produzir?

Os favoráveis aos múltiplos respondem que irá dar-se um melhoramento no gosto popular. Que as infinitas reproduções da Ceia de Leonardo da Vinci, feitas em medida comercial e sem

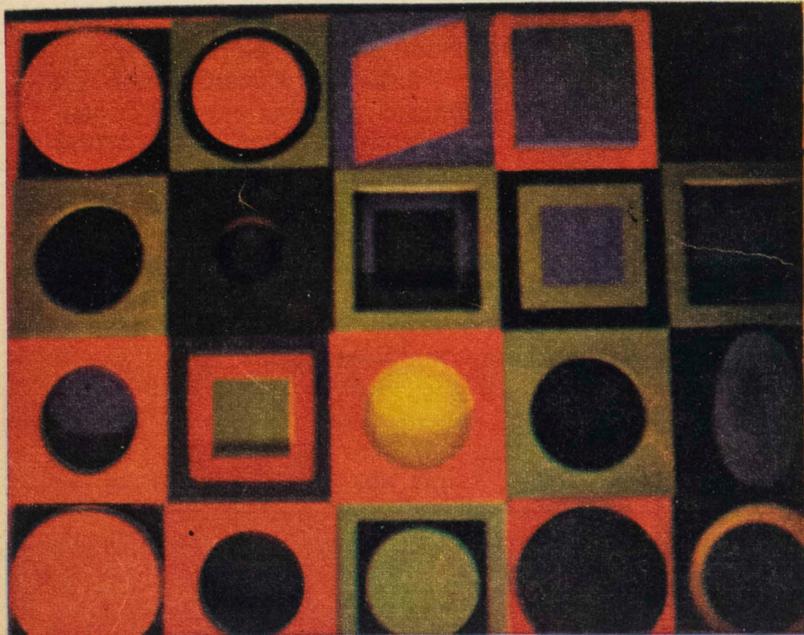
qualquer artesanato qualificado, serão substituídas pela bela arte dos Le Parc e dos Takis.

Finalmente, os mais radicais vão além dos múltiplos. Soto acabara de realizar para uma firma inglesa uma série de onze objetos desmontáveis que cabem numa pequena valise e que podem ser montados e combinados à vontade pelo comprador. Esse poderá assim realizar também o jogo artístico ao seu belo prazer. O americano Levine vende também múltiplos efêmeros a três dólares cada. O Grupo de Pesquisa Artística formado por artistas americanos deseja colocar múltiplos nos jardins e nas vias públicas que possam ser manipulados pelos transeuntes. Mais uma vez cabe a pergunta: a arte está se vulgarizando ou está se democratizando?

EXPOSIÇÕES A SEREM VISTAS

NO RIO — Resumo JB 67, no Museu de Arte Moderna, patrocinado pelo Jornal do Brasil e pela Companhia Sul-América. Excelente mostra coletiva, em sua maioria de jovens. A Escola Superior de Desenho Industrial programou uma exposição a que chamou de **O Artista e a Iconografia de Massa**. O MAM está programando, para setembro, uma grande retrospectiva de Tarília do Amaral.

EM SÃO PAULO — A Galeria Atrium expõe o artista Giulio Rosso, que faz parte da vanguarda da pintura florentina. Na A Galeria expõem o compositor Monsueto e o desenhista e compositor Zélio.



As formas simples da arte de Vasarely são fáceis de imitar.



Vasarely e seu instrumental artístico: a régua e o compasso.